



Um breve
diálogo com
deus

⇒ Heldermarcio Ferreira ⇒

Copyright do projeto © Editora Cadena, 2024.
Copyright dos poemas © Hheldemarcio Ferreira.

Projeto Gráfico:
Felipe Cadena

Ilustrações:
Marcelo Julio

Imagen capa: (*Pareidolia do quarto de Everson de Oliveira*)
Everton de Oliveira

Revisão:
Adélia Coelho
Hheldemarcio Ferreira

1º Edição 2024

Dados Internacionais de catalogação na publicação.

Ferreira, Hheldemarcio.
Um Breve Diálogo com Deus 1º edição.
Recife: Cadena, 2024

ISBN: 00000000000000000000

1. Ferreira, Hheldemarcio. 2. Poesia Brasileira
3. literatura Brasileira 4. Crônicas poéticas
I. Ferreira, Hheldemarcio II. Título.

06-8794

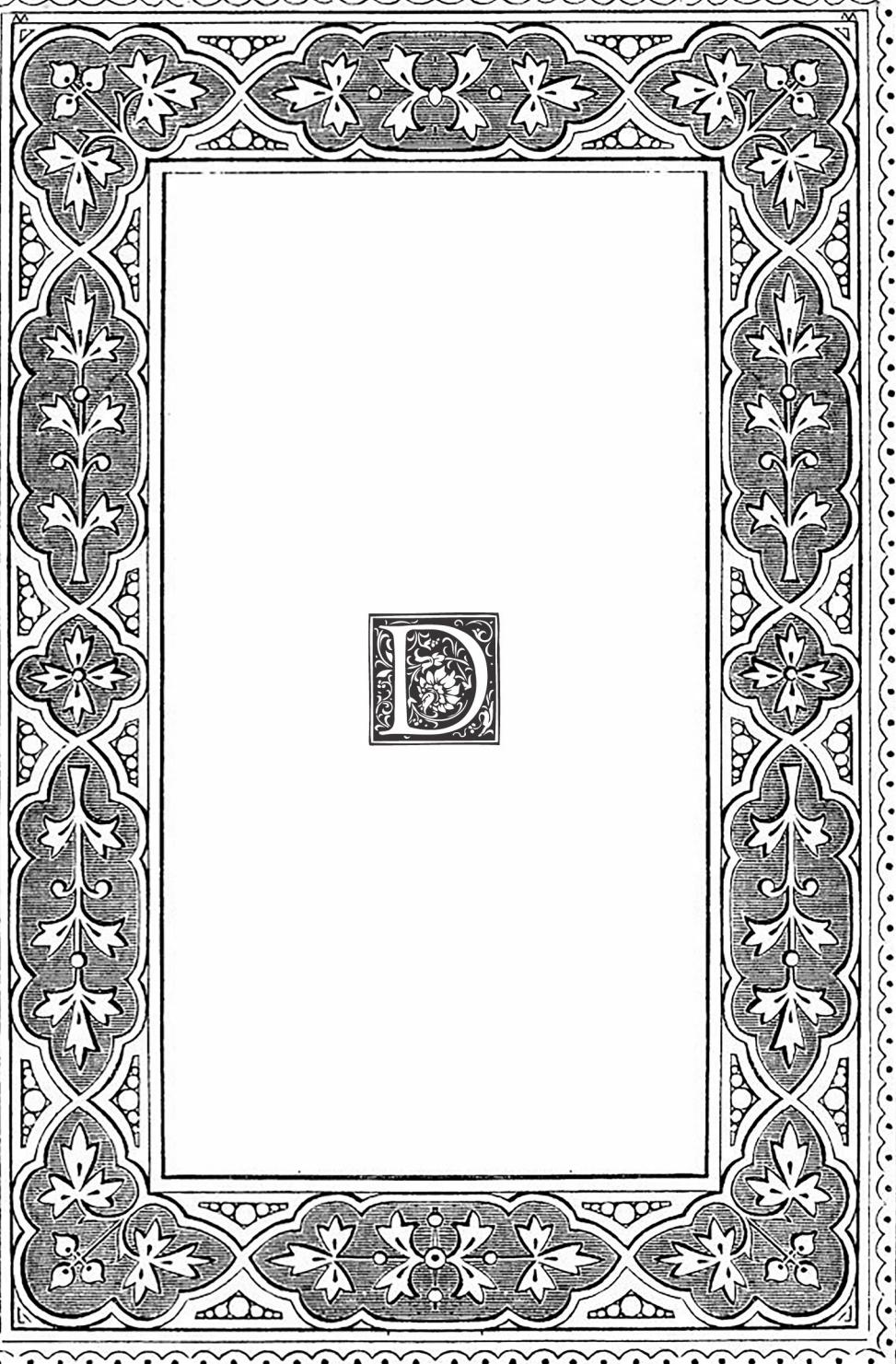
CDD-869.91

Dedico esta obra ao meu pai, Geraldo Alves Ferreira
(*In memoriam*)

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA CADENA.

Diagramação: Felipe Cadena
Impressão e Acabamento: Luci Graf



Agradecimentos

Agradeço aos amigo(a)s e pares que foram fundamentais no incentivo e motivação para a consecução do resultado final da obra, por meio de suas valiosas contribuições, ao longo dos anos, oriundas de opiniões, debates e reflexões, músicas, ilustrações, versos e citações que permearam e enriqueceram o propósito desse trabalho. Dentre ele(a)s destaco:

*Adélia Coelho (Flô)
Adriana Brindeiro
Caio Cesar Muniz
Carlos Campos
Daphne Barros
Deise Barreiro
Elias Cavalcanti
Everson de Oliveira
Felipe Cadena
Guilherme Amorim
Marcelo Júlio
Regina Silva
Thalyta Vilella
Thereza Valença*

Palavras do autor

À despeito de qualquer viés interpretativo que conduza a uma hermenêutica de natureza metafísica, de acepção religiosa, ou mesmo de cunho espiritual, cabe esclarecer ao leitor que o ponto focal desta obra diverge das abordagens anteriormente mencionadas. Aqui é relevante destacar o aspecto precípua que norteia e impulsiona o pretenso escritor, de forma pungente, em sua trajetória pseudoliterária e nesta produção em particular.

É fato que o “diálogo” aludido neste livro está distante de sugerir uma intervenção no campo da dialética, estando bem mais próximo de insinuar a prazerosa tentativa de alcançar uma maior intimidade com a estética ou a prática literária. Nesse contexto, a figura divina, ressaltada no título da publicação, é supostamente o motor propulsor da inspiração do modesto autor. Assim sendo, trata-se de um colóquio sensorial interior entre o escritor e aquele, ou aquilo, que o motiva a escrever.

O livro foi concebido, reunindo-se os textos (poemas) em dois tópicos consecutivos, designados por capítulos. O primeiro desses capítulos, cujo título é “A Semente da Estrela”, versa sobre essa fagulha criativa que dá origem ao que, de alguma forma, se faz preciso expressar - “No princípio era o verbo...” - E brota da própria fonte in natura. No segundo capítulo são introduzidos os ruídos externos, por vezes ambíguos e conflitantes, que, contudo, são as influências que conferem maior alcance à mensagem. É nomeado “Monólogo das Duas Cabeças” e contempla parcerias literárias e melódicas.

Nesse descortino, Um breve diálogo com Deus reúne quarenta e dois poemas concebidos sob a égide do poder medicinal da palavra poética, como um bálsamo - aroma no templo do criador. Essencialmente, o poder provedor do êxtase de todos os sentidos (e da saúde) que encerra além dos meros limites do corpo material. É o condão que incita, questiona e ilumina a escuridão de nossa jornada pelo tempo que o acaso nos concede.

Que a magnitude da poesia seja a prova divina da existência humana.

Apresentação

Qual a origem da poesia? Como nascem os poemas? Que sofisticado mecanismo de engrenagens estéticas e estéticas fabrica os versos? Muitos teorizaram sobre a natureza da arte poética, mas poucos se atreveram a investigar sua gênese divinal. Em Um Breve Diálogo com Deus, o autor se propõe a exarar essas e outras questões, desprestensiosamente, como numa oração, sem esperar por respostas. Afinal é a própria pergunta, centelha inspiradora, que move o poeta.

Em A Semente da Estrela, o poema arde como uma chama que eleva seus pensamentos ao sagrado, ora vislumbrando lampejos da fonte seminal etérea, ora sangrando as sensações humanas em palavras, unindo o terreno ao celeste pelo poder da poesia.

*A palavra se fez a carne da vida
E o verbo acendeu a luz na escuridão
Se a sabedoria é a glória dos poetas
A poesia há de ser a oração definitiva*

Em O Monólogo das Duas Cabeças, o poeta mostra a verve mais visceral, porquanto, malgrado sua natureza divina, feitas carne, “palavras são navalhas” e ele não pode urdir seus poemas “como convém, sem querer ferir ninguém”. Assim, a crítica social e artística à manipulação humana pelo poder da linguagem, que transfigura a essência da Criação na queda da criatura, é tecida em versos de evocação ao que se perdeu pelo caminho. Nesse hiato entre o humano e o divino, a p(á)lavra a gleba para perscrutar a fonte primaz da inspiração e seus efeitos simbólico e concreto na experiência cotidiana.

Um Breve Diálogo com Deus, destarte, é uma ode em louvor à própria força criadora poética e uma prece direcionada às gentes por expiação de tudo aquilo que não é poesia.

Guilherme Amorim
Engenheiro e poeta

Prefácio

“Se eu quiser falar com Deus...”

Na canção que dá título a este despretensioso texto, o cantor e compositor Gilberto Gil nos dá uma imensidão de formas nas quais podemos “falar com Deus”:

*Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus... ”*

E segue mais duas estrofes adiante, mas, pensando bem, o ex-ministro da Cultura do Brasil esqueceu ainda uma infinidade de formas possíveis para este “diálogo” entre nós e Deus.

Deus é esta força inexplicável que nos faz viver e sentir. Confesso que às vezes em que falei com Ele, e foi prontamente ouvido, foram em “orações” tão profundas que fugiram do nosso tão celebrado “Pai Nosso”. Algo mesmo como de um filho em aflição, buscando a mão de seu pai. Assim, este enfeixe de versos de Heldemarcio Ferreira e seus colaboradores nos chega como uma espécie de um baú antigo de belas orações, para serem lidas como forma de enaltecer Deus num formato diferente, como um Deus-poeta, ou Deus-alimento da nossa poesia, mesmo ante o ceticismo que possa, nas horas erradas, nos tomar, como bem mostra o poeta:

“Se Deus existir
Que me proteja
Daquilo que mais me alige...”

Se Deus permitir
Que nunca seja
Aquiló que não se corrige...”

Lendo os versos aqui propostos, lembrei de um soneto que me tomou madrugada destas sob este mesmo prisma que vai para além da religião, penso eu, mas para as razões do próprio existir, e que se dane a Ciência, mesmo sendo eu também um cientista.

Altas horas da noite, perguntando a Ele quando as respostas viriam, desanimado, entristecido, com medo, a voz veio e me disse: “*no meu tempo*”. Então, em seguida, como uma barragem que transborda, os versos vieram aos borbotões, prontos, de supetão. Eu denominei de “Soneto de fé”, mas ao recitar para minha mãe, ela me disse: isto não é uma poesia, é uma oração. Que seja então.

Eu quero Deus a caminhar comigo,
Mesmo que Deus não se revele a mim,
Com Deus na frente, eu sigo até o fim,
Pois eu com Deus venço qualquer perigo.

Deus é conforto, é força, é paz, abrigo,
É o sol que aquece a flor do meu jardim,
E a inspiração que me coloca assim,
Na madrugada a me inspirar contigo.

De verso em verso, desafiando medos,
Como tecendo na ponta dos dedos,
Uma imagem baseada em fé.

Fé que às vezes eu vejo indo embora
E a voz de Deus dizendo: - Não agora!
Estou aqui, vou te manter de pé!

Felicidades, poeta! Vida longa à poesia e que Deus continue em seus caminhos!

Caio César Muniz
Poeta, jornalista e filho de Deus

Sumário

Prólogo (*Texto de Adélia Coelho*)

CAPÍTULO I - A SEMENTE DA ESTRELA

(*Preâmbulo de Adélia Coelho*)

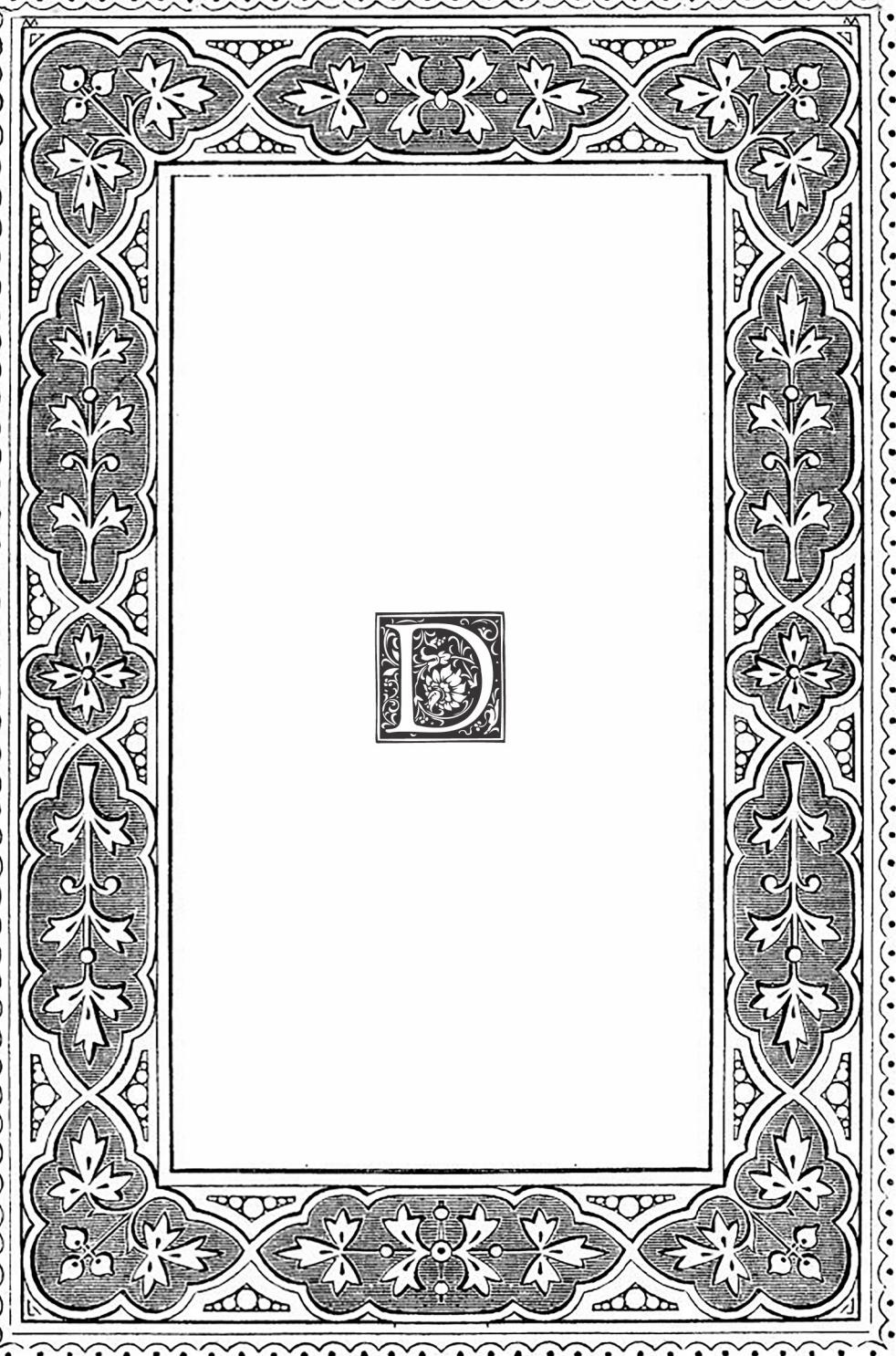
- I. Um Breve Diálogo com Deus
- II. Epifania
- III. Antares
- IV. Rainha do Céu
- V. Juntos Para Sempre
- VI. Tu Sabes
- VII. Semente de Estrela
- VIII. Legado Paterno
- IX. Alma Nua
- X. Poema de Gesta de um Trovador Margenial
- XI. O Deus dá Arte
- XII. Prece
- XIII. Mediocridade
- XIV. Sexagenário
- XV. Anjo Onírico
- XVI. Paz Interior
- XVII. Turbante
- XVIII. Turmalina
- XIX. Deusa Mulher
- XX. As Valquírias

CAPÍTULO II - O MONÓLOGO DAS DUAS CABEÇAS

(*Preâmbulo de Adélia Coelho*)

- XXI. Anjos e Demônios
- XXII. De-votos (Amém)
- XXIII. Pequena Ode Antifascista
- XXIV. Pobre Nobreza Podre
- XXV. Além de Mim
- XXVI. Rebanhos
- XXVII. A Razão é Um Sol Impiedoso
- XXVIII. Monólogo de Duas Cabeças
- XXIX. Liberdade Vigiada
- XXX. Agnóstico
- XXXI. Soneto Sujo
- XXXII. Nostradamus
- XXXIII. O Entusiasta
- XXXIV. Personagem Oculto
- XXXV. Sepulcro Caiado
- XXXVI. Mortuária (A Falência dos Dogmas)
- XXXVII. Relicário
- XXXVIII. Confraria de Terraplanistas
- XXXIX. Irmãos do Tempo
- XL. Réquiem Apocalíptico
- XLI. No que se Acredita
- XLII. Juízo Final

Epílogo (*Texto de Adélia Coelho*)



Prólogo (Texto de Adélia Coelho)

O olho da terra sob o céu
Olho de botão
Flor de ouro
Acesa a culpa dos antigos demônios
Azul a paz dos deuses de hoje
As janelas vivas
Cacos de misericórdia
Os anjos nus, expiando
Absorvendo
Absolvendo
O teto dos sonhos submerso
O adeus do sangue enjaulado
A missão dos profetas gentis
A flor da esperança cravada no cimento
Tijolo por tijolo de vergonha
Abro as portas do céu ligeiro
Entram as papoulas condenadas
A liberdade eterna.
Onde sobrevoam minhas asas
De borboleta serena?
Por onde caem os resquícios do fogo
As fagulhas do tempo?
Pela tua garganta, flecha hesitante
Pela tua corda vocal, pus ambulante
Meu deus, alma corrigida
Meu deus pele subvertida
Amo-te como quem
Procura a paisagem perfeita
Para esta palavra que vem.
Sem explicação.
Meu teto de oração é
Papel e dor.

Capítulo I

A Semente da Estrela

A face da estrela
repousa na palma de meu verso
duas sementes verde escuro
abrem no céu
um clarão estridente
a menina Luz Helena dorme entre meus dedos/ventre
brincando de esconde-esconde com as palavras
a menina Luz sabe tecer regresso
em sua boca reside o sonho da ida
imminente menina LUZ
moga semente
face estelar
que me devora e sente
que a eternidade é já.

Adélia Coelho





I. Um breve diálogo com Deus

*“O poeta brinca com as palavras
Num jogo lúdico de ideias intangíveis”**

Na sua presunção de lógica reversa
O bardo tergiversa em sua metáfora
Emerge a âncora da alma submersa
E versa, “vida adentro, mundo a fora”.

Como uma prece, a ponte estabelece,
O seu poema reza: a oração suprema
Que concebe a cada verso que recebe
Em pleno êxtase, a catarse sua ênfase.

A obra nasce como Deus quer e deseja
Assim seja, por todos os séculos e eras
Quimeras de poetas que a alma enseja
Numa peleja onde só a poesia prolifera.

* Citação de Elias Menezes Cavalcanti

II. Epifanía

Era o começo d’uma saga
Da água à origem da vida
A ávida dádiva dos ímpios
Princípios para acreditar!

Épico momento da benção
Unção de toda a potestade
Divindades em hierarquia
A autarquia da posteridade!

Com devoção incomparável
Admirável em veraz teofanía
Ufania de se mostrar assim!

Celebra-se a sacra epifanía
Em sintonia da fé inabalável
Imutável persiste até o fim!

III. Antares

*“Amar um amor casto à distância,
...e alcançar a estrela inatingível”*
(Miguel de Cervantes)

Antigas escrituras no papiro
Orientam os versos seculares
Desde o primeiro suspiro...
Até os infindos locos estelares

Por todas as sendas e lugares
Espraia-se em luz e som a poesia
Dançam estrelas, densos quasares
Energia vibra em franca estesia

Assim, por mais que seja distante
Há de pulsar no íntimo “este lar”
Que cada um carrega, habitante
Anima nostra ainda por se revelar

Num breve diálogo com Deus
Sem sacerdotes e sumptuosos altares
Ínfimo grão do universo in theus
Alma gigante - estrela de Antares.

IV. Rainha do céu

Será que vem do céu o dom da rima
Ou é apenas o torpor d'alma febril
A desvelar mistérios da obra prima
No traço d'um poeta de pena gentil

A realeza atravessa o breu da trilha
Com o facho da ideia que a ilumina
E a sua luz revela toda a maravilha
Na aura da pessoa d'alma feminina

Clemente, como todo o ser de luz
Eivado da graça que tanto fascina
Beleza que um soneto não traduz

Num tear de versos que se imagina
Algo além do que atrai e que seduz
Paire na imaginação assim, "Regina".

V. Juntos Para Sempre

Nem que seja na distância
Como um carinho secular
O seminal dessa saudade
Paire em mim como um alento
Mas, jamais ei de esquecer
Por assim dizer: "together forever".

Quem deseja nessa ânsia
Como um cativo singular
O sinal d'uma eternidade
Para o ventre do encantamento
Mais e mais a embevecer
Por assim saber: "forever together".

*Juntos para sempre, em
Alegrias e ressentimentos
Juntos para sempre, em
Memória e esquecimento.*

VI. Tu Sabes

Tu sabes do que falo
Se exaro com esmero
Tantos versos coloridos!

Mas, tu também sabes...

Tu sabes quando calo
Se encaro o desespero
Textos vistos doloridos!

Mas, tudo isso tu sabes...

Daquele pretenso amor
de utopia e imaginação
Paixão intensa em ardor
a poesia na encarnação.

VII. Semente de Estrela

*No princípio era o verbo...
Verbum factum est
Verbum est stellae semen
Sapientia est gloria poetarum*

Quisera eu plantar estrelas
Na poeira da trilha já cumprida
Quimera de todos os bardos
São tesouros que teimo em desejar.

Ao semear ventos feito brisas
Para as margaridas, pelas borboletas
Como um comovido Deus pagão
Espalhar o brilho luminoso do ser.

Sendo semente, há de germinar
Do fundo da terra, envolta no verbo
Capaz de ofuscar qualquer potestade
Pela luz incandescente das estrelas.

A palavra se fez a carne da vida
E o verbo acendeu a luz na escuridão
Se a sabedoria é a gloria dos poetas
A poesia há de ser a oração definitiva.

VIII. Legado Paterno

Meu pai, um homem e um símbolo
Mais que um símbolo, um exemplo
Mais que um exemplo, um desafio!
Em que confio ser o maior legado.

Preterida de conforto e segurança
Uma herança austera de dignidade
A realidade desde cedo aprendida
O valor da vida pautada em honra.

Meu pai, o mentor e o referencial
Mais que o referencial, o humano
Mais que o humano, o alvo divino!
Que o menino assume por criador.

Proferidas as palavras que ensejam
Assim estejam lágrimas e sorrisos
Sempre precisos na minha memória
Quando sua ilusória partida se der.

IX. Alma Nua

Que nada nos distraia
Nem o aplauso, nem a vaia
Que nada nos iluda
A fé insana que não ajuda

Que tudo seja pleno
Um ser audaz de tom ameno
Que tudo seja claro
De alma nua, eu me declaro:

Que nada vale tanto
Nem o poema e o seu encanto
Que nada é divino
Lágrima e suor regam o destino

Que tudo é passageiro
Até a vida, no sopro derradeiro
Que tudo também continua
Emana a vibração da alma nua.

X. Poema de Gesta de um Trovador Margenial

Veio a morte, e o que fez ela
Daquele sujeito de sorte?
Bardo nordestino que revela
Antes de tudo um forte...!

Se um manto calou o à palo seco
De seu canto torto e tão visceral
Suas letras ecoam em árido beco
As mazelas que gritou marginial

Como se fosse apenas um rapaz latino
O mais realista no espaço-corpo-tempo
Do suor das mãos, fez o próprio destino
Consagrando o Nordeste como “templo”

Ou o mais literato dos trovadores
Que soube dizer o NÃO necessário
Para se libertar dos exploradores
Oh! poeta e menestrel do proletário

Companheiro que passou pela estrada
Em nossa divina comédia (di)vulgar
Até mais ver (enfim) meu camarada
Pois, eu também conheço o nosso lugar.

XI. O Deus dá Arte

*Pirilampos, elfos e gnomos
Tudo em festa na floresta encantada...
Vagalumes, orcos e anões
Travessuras das criaturas de Tolkien!*

Além das lendas e das fantasias
De unicórnios, centauros e outros seres
A realidade se revela pela magia
De uma aura oculta pelos falsos saberes.

Apesar da destruição criativa
Do que concerne todo absurdo dadaísta
Apenas o acaso é a alma viva
Do que contempla o anarquismo niilista.

A dialética subverte toda estética
Daquilo que foge ao logos do estoicismo
A arte sempre triunfa em sua ética
Daquilo que só Deus traz em simbolismo.

XII. Prece

No espelho da alma
Onde me olho e posso me ver
Sinto a beleza sem a vaidade
E gozo a plenitude da verdade
No prazer que tenho em me ser

No espelho da alma
Onde meu mundo é outro diferente
As palavras são como joias raras
Pérolas que eu atiro aos canalhas
Que nesse, bradam à minha frente

No espelho da alma
Onde me encontro com os meus
Em outro instante que não esse
Em que o sofrimento desaparece
O poema é minha prece para Deus.

XIII. Mediocridade

*Embora pareça tudo normal
sempre há um desvio padrão
para fugir da média...*

Se Deus existir
Que me proteja
Daquilo que mais me alige...

Se Deus permitir
Que nunca seja
Aquiló que não se corrige...

Deus, tende piedade
Dos seres sem esperança
Deus, afastai de mim a vaidade
Das horas de ignorância.

Livrai-nos de nossas fraquezas
Vivendo para o amanhã
Só não nos deixais cair na desgraça
Da vida medíocre e vã.

XIV. Sexagenário

O tempo pintou de branco
Os parcos fios dos meus cabelos
Como cruel carrasco saltimbanco
Pregou vincos e rugas como selos.

O tempo, além do passar dos anos
É o alento daquele que continua
Como a barca a singrar os oceanos
Entre procelas se aventura e se insinua.

O olhar vislumbra já perto o finito
Onde o feio e o bonito se confundem
É que o tempo outrora era irrestrito
Ante a percepção dos que se iludem.

O tempo dobra a curva do caminho
Segue o peregrino a sua busca trivial
Cujas pegadas exaram o pergaminho
Do cristão que mira a cidade celestial.

XV. Anjo Onírico

Hoje enquanto andei
Pela areia da praia
Desde o cair da tarde
Que anunciaava o lírico
Silenciar das estrelas

Senti a tua presença
Como algo inusitado
A proferir a sentença:
“O amor é instigado!”

Hoje eu me imaginei
Ser o que te atraia
Feliz sem fazer alarde
Como um anjo onírico
E as asas estendê-las

Para abrancar a vida
De coração aberto
Curar a alma ferida
Enfim, seguir liberto.

XVI. Paz Interior (Amor ateu)

Ao meu amor que é teu, amor ateu!

O amor é tudo o que move
Ele está em plena expansão
Por ser da sua origem e natureza
Essa contínua impermanência

Amor que move astros e estrelas
Ele está dentro e vai ao longe
Por ser a própria paz interior
Essa etérea luz corpuscular

Um mergulho no infinito...
Sob o azul da vasta noite escura
Apenas ser e fluir à nau da vida
Barca que flutua erma na procela

Amar é ser (e estar) livre...
Ele se veste das cores do arco íris
Por ser avesso ao que tolhe a alma
Essa profunda paz que é amor

Amor singra em seu leme dourado
Ele flutua pelo céu da Prússia
Por ser a sua essência abstrata
Essa é a nossa escolha mais concreta.

Participação de Adriana Brindeiro

XVII. Turbante

Símbolo de resistência da raça
Adorno sensual e provocante
Na cabeça ilustra toda a graça
Da mulher de aura insinuante!

Negra é essa pele que me atiça
Aguça os sentidos do amante
Reverbera na cor que enfeitiça
A rainha coroada com turbante!

Se consuma em deleite e prazeres
Que a vida reduz a um instante
Se inflame pela febre dos saberes
Minha deusa de ébano fulgurante!



XVIII. Turmalina

Pedra preciosa em multicores
Gema ígnea de energéticas vibrações
Desde os antigos mercadores
Gregos, romanos e outras civilizações

Turmalina de poder sensorial
Emana o infinito presente em cada ser
Na ambivalência do espiritual
Exala fluidos de percepção e de poder

Rocha do apartado Sri Lanka
Que traz a magia luminosa dos cristais
Thoramalli, “ruidosa branca”
Que espelha a aura de todos os animais.

XIX. Deusa Mulher

Essa paixão que nasce e cresce
Recrudescce e se apodera do meu ego
E então a ela eu me entrego...
Não por razão, meu tesão nunca fenece.

Ela é do jeito que eu mais quero
Sincero como sou, eu me declaro
Deixo claro sem pudor e exagero:
Na brutalidade da fêmea que taro!

Tudo que perdura o tempo exato
De fato, se eterniza na lembrança
A esperança é renovada ao contato
Podemos estar juntos nessa dança.

Nada idílica há de soar a poesia
A sinestesia de sentidos é tão rara
Odara pelo avesso, em fantasia
Cega, qual seu nome, é minha tara!

Assim, a deusa vem de novo à tona
Dona da minha volúpia mais secreta
Poeta que sou e que não abandona
A rima preciosa d'uma mulher egreta.

XX. As Valquírias

*“Tecemos, tecemos a teia da lança
Enquanto vai adiante o estandarte dos bravos.”*

Valorosas como ninfas místicas
E valentes amazonas mitológicas
Valquírias: deidades antológicas
Das valiosas narrativas míticas.

Sobre a terra e o mar negro
Montadas no dorso de alazões alados
Avistam da pilha de corpos mutilados
O agonizante guerreiro egro.

*“Tudo é sinistro de se ver agora
Uma nuvem de sangue atravessa o céu.”*

Segue a batalha do fim das eras
Na saga sanguinária de antigos celtas
De espadas, lanças, armaduras, peltas
As sacerdotisas de todas as guerras.

Do âmago de tal lenda que fascina
Vê-se a tessitura da literatura nórdica
Da sequaz beleza de copla melódica
Celebra-se a bravura da aura feminina.

*Citação de trechos do poema “Darradarljod”
("Passagem das Lanças - Autor anônimo.").*

Capítulo II

O Monólogo das Duas Cabeças

Quem disse que deus tem a coroa
e o diabo tem a espada?
o mesmo homem, irmão siamês
duas cabeças e um corpo,
um par de asas diferentes
cada lado uma cor, uma roupa, uma atmosfera
 pelo chão as mesmas ervas daninhas
costuradas por crianças inocentes
O mal nos oferece a luta, a guerra
- Escolhas e sangue
o bem nos oferece a libertação,
a divindade, a superioridade
- A coroação do azul maior
o mesmo homem, tem bem e mal
o mesmo deus é o mesmo diabo
a mesma cruz é o mesmo trabalho
e o verde do mal constitui a esperança
que o azul pelo azul não traz.
Com a coroa e a espada somos um.

Adélia Coelho



XXI. **Anjos e Demônios**

Antevi passível o possível inventário
De tudo que fora infortúnio para mim
Apenas as coisas de valor monetário:
Sem asas do desejo...

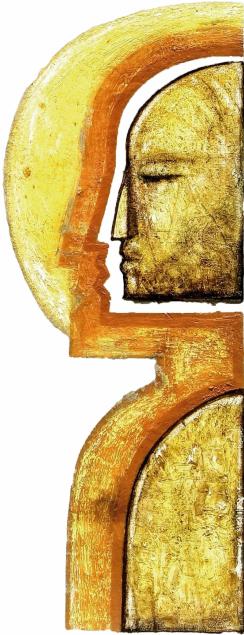
Nem anjos no céu de Berlim

Assisti extático ao estático equilíbrio
De forças opostas na peleja: bem e mal
Maniqueísmo exacerbado em ludíbrio:
Sem chamas ardentes...

Nem demônio ígneo infernal

Acreditei herético no hermético dogma
De guiar as consciências no fatal dilema
Como a dura geleira exposta ao magma:
Sem pecados mortais...

Nem brio de virtude extrema.



XXII. **De-votos (Amém)**

Além de todas as orações...
E do ardor visceral dos devotos
Ou de quaisquer opiniões...
E do mister racional dos ignotos!

Alguém, por mais ímpio que seja
Na sua mais recôndita aversão...
Há que expiar numa interna peleja
Entre luz e treva; a fé sob a razão!

Da profusão de sentenças fanáticas
Brotam devotos do ódio e do medo
Que movidos por certezas erráticas
Fazem da religião, cruel arremedo!

Os mercenários da fé, vis fariseus
Traficam salvação para o consumo
Adorando as cifras, decifram Deus
E traduzem a fé num mero insumo.

Vomitam princípios, regras e padrões
De falsos costumes, normas, doutrinas
Que os denotam “grandes fanfarrões”
Tudo o que pregam só serve à latrina!

Espalham o ódio, postulando a moral
São os preceitos hipócritas a prosperar
Seguem na vida a propagar tanto mal
Quanta falsidade temos que tolerar?

Na alma dessa gente há pouca lucidez
O desvario iníquo se expõe completo
Nem criança escapa da vasta sordidez
Até o amor fraterno torna-se obsoleto.

Participação de Deise Barreiro

XXIII. Pequena Ode Antifascista

*Divertida a justiça que um rio limita! **

As castas ressentidas semeiam ódio
E toda a genealogia da moral gravita
Do torpor das hostes à ira do gládio

Sob o sol, a estrela da barbárie impera
O abuso da verdade mais crua e cruel
Do abjeto presságio, quem pariu a fera
Alimenta de mentira a tosca horda fiel

Que perversa é a sorte dos desvalidos
Cuja égide do bem-estar é inoportuna
Ante os mais nobres valores decaídos
Segue-se a senda corrupta da fortuna

Contradita a justiça quando a lei é fraca
A Infame elite e a insana turba fascistas
Como cais atroz onde a avarice atraca
Eis a face nefasta dos seres egotistas.

* Citação de Blaise Pascal

XXIV. Pobre Nobreza Podre

A Sua Alteza adentra os palácios colossais
Sob aplauso de vassalos, cortesãs e rufiões
Na corte, praguejam os nobres comensais
Ogres se fartam no banquete de anfitriões

Todo feudo fede em sua abjeta confraria
As armas e ardis da egolatria sem pudor
E a plebe segue qual defunto que procria
Quase sem pão e o circo alude a sua dor

A alta nobreza traça planos, joga cartas
E o soberano não atina ao que ela apronta
Ele sucumbe ao poder e às cifras fartas
E o destino lança os dados, cobra a conta.

XXV. Além de Mim

As intenções permanecem subjetivas
Enquanto prevalece a convicção
No santuário de obscuras narrativas:
A animosidade de toda exclusão!

Além de mim, gente que se reinventa
Na busca de um melhor futuro
Ainda que excluída da classe raiventa
Que segue um ideário obscuro

Eis que a guerra é de alcunha santa
Impelida pelo lema mais algoz
Sem resgate do amor, o que adianta
Ousar, no alarido, abrir a voz?

Além de nós, pessoas da tormenta
Vítimas do cânone neoliberal
O arquétipo de tudo que afugenta
Exilados do mundo desigual.

Por cultuar a obsessão mais nefasta
A aberração da ameaça fascista
Semeando ódio que a tudo devasta
Na compulsão fundamentalista

Além de tudo por que se argumenta
Há o desejo velado pela regalia
Na mente ortodoxa, a ideia avarenta:
O bem coletivo é uma anomalia.

XXVI. Rebanhos

Desde os primórdios, a concentração de poder tem sido a pedra basilar das civilizações.

Bandos suburbanos marginais
Proliferam pelas escuras esquinas
Quem duvida de tantos sinais
Invadindo olhos, ouvidos e narinas

Rebanhos de gente, quase normal
Banidos à sombra da irrelevância
Qualquer semelhança será natural
A cruel apatia da social elegância

Turba que perturba a nossa paz
Horda que nos aborda inoportuna
Plebe que pede tudo e nada faz
Ralé que até nos (ar)remete à fortuna!

XXVII. A Razão é um Sol Impiedoso

Certa vez um vírus nos assolou
Sem nenhum remédio ou vacina
Na ocasião, teve lugar o temor
As pessoas mudaram sua rotina

Em meio a tal surto contagioso
O confinamento tornou-se vital
Fieis unidos em apelo religioso
Numa peleja contra o vírus letal

As autoridades oficiais do poder
Quase ineptas assistiram o povo
Sem amparo, destinado a sofrer
E a história, a se repetir de novo

Como as pestes da idade média
Um cenário de fato assombroso
Mas, o ápice da trágica comédia
Pode ser ainda mais escabroso

O “mito” da ignorância viralizou!
A incompetência inócuia, confusa
O “mito” da arrogância viralizou!
Na intransigência algoz e obtusa.

XXVIII. Monólogo de Duas Cabeças (Musicado por Everson Oliveira)

Enquanto um pensa o outro fala
E quando um cala o outro grita
Pulsando o som que invade a sala
Ecoa aflita a distorção da guitarra!

Enquanto eu trago a letra ardente
Você desvaira com um solo irado
Nesse chão alado brota a semente
Do som que o verso havia virado!

Em cada cabeça uma sentença
Onde mora a razão da loucura
A musa que inspira tua crença
É a letra que a música procura.

XXIX. Liberdade vigiada

*Minha liberdade vive acanhada
Num mundo tão assombrado,
Onde o ser sombrio, paira nu
E o “eu” tão livre, anda calado...*

Liberdade neste tempo de sombras
Que assombram como uma prisão
Cada cidadão resumido às sobras
De sua dignidade extinta em ocisão
Na insana vulgaridade de lombras
Quase surreais, de absurda excisão
Nessa violência vertida em dobras.

Apesar de tudo, há um jeito:
Ser a sua essência em verdade
Para superar o suposto defeito
E crer em sua própria identidade
Para ser a causa e não o efeito
Assim, abstrair-se em liberdade
De qualquer mundo imperfeito.

*Minha liberdade tem nome,
Mas não tem sobrenome
Ela canta com os pássaros
Não se esconde do homem.*

Participação de Thereza Valença

XXX. Agnóstico

Dunas nuas do deserto
Em plena vaga vastidão
Até o céu parece perto
Em sua larga imensidão

D'uma coisa estou certo
Apesar de tanta estrada
Pelo acaso me desperto
Vida profana consagrada

Doutra célula, me liberto
Sob olhares tão algozes
Para voar de peito aberto
E pensamentos velozes!

XXXI. Soneto sujo

Tão opulenta e sedutora aquela messalina
A meretriz esbanja a sua nudes com atitude
Sem pretensão e empáfia a sua lida ensina:
"Os pecados estão na raiz da flor da virtude!"

Tão exuberante e bela é a tez que ela exibe
A mulher-dama acalenta sonho de carência
Sem proteção e glamour, o mundo a proíbe:
Os prazeres do corpo apontam decadência!

Qualquer soneto sujo traz a audácia à tona
Nenhuma prostituta poderia merecer a ode
Impuro desvario pra quem pertence à zona!

Inútil tecer elogio para puta a quem se fode
Pois, sua vida fácil não inspira ou emociona
Só resta o asco da vil hipocrisia que eclode!

XXXII. Nostradamus

A carne se degrada
Poeira que some na estrada
Sob o tempo intacto.

(Quem há de prever o nada?)

A fama é transitória
Pura contemplação ilusória
Nos traz danos...

(Que ambição faz a história?)

Mas, a alma é infinita
Para aquele que acredita
Em fim, nisto!

(Qual seria a sua certeza?)

Reflita.

XXXIII. O Entusiasta

*Para todo o fim, que haja um começo
E seja intensa a lida em seu propósito
Cada ser carrega em si a dor e o prazer
Viceja a sua aura na árdua aventura...*

Viemos das sementes provisórias
Da onde nascemos em desalinho
O ninho dessas infinitas trajetórias
Da onde poética ao voo do passarinho

O pecado original que nos ungiu
Nos fez maior que o fez Prometeu
Pois, a glória do humano que surgiu
Nos faz gozar no entusiasmo do ateu.

XXXIV.

Personagem Oculto (Musicado por Everson Oliveira)

*Um personagem oculto
Escondendo a loucura
Sendo aceno d'um vulto
Nessa estrada escura...*

Pálido é esse meu semblante
É que às vezes me sinto tão distante
De tudo e até de mim mesmo
Ou do que sobrou de mim
Após imergir na dor.

Personagem desprovido de alegria
Ou de qualquer fantasia
Que me faça prosseguir sadio
Em meio a esse imenso manicômio
Anônimo e desconcertante

Não apressam sonhos de vida
Nem *"sociedades alternativas"*
Sempre me propus a ser o mesmo
Graças ao mesmo orgulho
Que me mantém solitário.

Um cara discreto e confuso
Profuso no raso paladar de sua mente
A divagar inocente
Pelas orlas dos acontecimentos
Tentando encontrar um fim.

XXXV.

Sepulcro Caiado

*Caído em desassossego
Nem prece renova a sua fé
Calado segue soturno, lóbrego
E sem esperança qualquer*

Ainda que o digam bem sucedido
Cultuado entre os seus iguais
Um ser cujo anseio fora atendido
Pelo conforto de bens materiais

Por mais que a vida lhe ofereça
Aquilo que aos outros satisfaz
E que seja o preço do que mereça
Posto ser justo e o que lhe afaz

Mas, seu semblante é sem nédio
Passado partido e futuro incerto
No presente a labuta é um tédio
Sepulcro caiado, se visto de perto.

XXXVI.

Mortuária (a Faléncia dos Dogmas)

*"Por enquanto o nosso canto é entre quatro paredes
Como se fosse pecado, como se fosse mortal..."*
Antonio Carlos Belchior

Denso é o colossal mistério que a espécie abriga
Em lúgubres paragens de abismos abissais
Sofre o humano a sucumbir na dúvida mais antiga
Que o aflige desde os seus remotos ancestrais.

Eis o cruel enigma que embala os presságios
Sob o véu nebuloso da anima *ad aeternum*
Eis o fiel paradigma que embasa os adágios
No viés fervoroso da crença no incomum.

Vê-se a marcha de martírios em febras fanáticas
Quantas vidas desperdiçam o contraditório
A mórbida certeza move a turba por vias erráticas.

Sem se aperceber do inevitável ou do transitório
Que pelos ritos de suas vertentes dogmáticas
Impuseram ao homem o seu padecer expiatório.

XXXVII. **Relicário**

*São só lembranças, memórias...
Relíquias de uma "vida precatória"
Ceifada de expectativas ilusórias,
Resta o sabor de saber da história!*

Guarde o que lhe for de valor
Todo o tesouro que importa
Aquilo que não tenha preço
E não cause qualquer cobiça!

*Livre-se do ódio, o ópio da dor
E do torpor da violência nefasta
Que dessa ira se contraíra o ardor
Uma agonia que nunca se afasta!*

Cuide do que lhe deixa feliz
Todo o sagrado que extasia
Aquilo que vicia por prazer
E não cega ou sequer aliena!

*Dispa-se do ego, cego e estéril
E de toda eloquência sem lume
Da palavra esparsa, vã e pueril
Guiada só pelo viés do costume!*

Preserve em algum relicário
Todo desejo que contamina
Aquilo que cobra seu poder
E a obra que o tempo solapa!

XXXVIII. **Confraria de Terraplanistas**

Aos cristãos oriundos de terras remotas
Que trazem na boca o mundo a seu gosto
Do vórtice das ideias de sentido oposto:
A obscura metafísica de mentores idiotas

Da concepção arcaica à borda do planeta
Séculos separam tal noção do que é fato
Enquanto o tempo goteja pela ampulheta
Rejeitam a gravidade e negam o formato

Sem respaldo na ciência, vociferam teoria
A crença absoluta de heurística fanática:
Da terra como centro, o sol é só alegoria

Em cada sentença, a pretensão axiomática
Como se fora dogma de seita e confraria
Plena convicção, universalmente lunática.

XXXIX. **Irmãos do tempo** (Poema musicado por Everson Oliveira)

Escuto o gotejar dos dias
Naquela ampulheta silente
Todo passado se faz presente
Nesse futuro de portas corredias...

Na varanda ao entardecer
A poesia do sol poente
Irmãos unidos a envelhecer
Na eternidade da gente.

São Irmãos do tempo e da vida
Traçando a rota do destino
A cada chegada, a nova partida
Homem agora, pra sempre menino

Na varanda ao entardecer
A poesia do sol poente
Amigos unidos a envelhecer
Na eternidade da gente.

O raro dom da juventude
Na lúdica arte de ser feliz
O som, o sonho e a atitude
A alegria que deixa a sua cicatriz.

XL. Réquiem Apocalíptico

Movidos pela ira das potestades
Sobrevoam anjos com espada na mão
Apinhadas de pecados, as cidades
São como antros plenos de perversão.

O fim dos tempos já se aproxima
Eis que haverá choro e ranger de dentes
Uma chuva de fogo caindo de cima
A calcinar ímpios, bárbaros e insolentes.

Diante de mim, vejo cavalos velozes
Por sobre os quais, os cavaleiros da morte
E o vasto séquito de pálidos algozes
Que rumam à deriva, sem qualquer norte.

Só um ser compassivo e altruísta
Que traz no perdão a condição divina
Tem a razão da fé na alma deísta
Como a palavra a(s)sombra e ilumina!

XLI. No que se Acredita

Se essa vida é curta
A nossa alma é infinita
E de tudo isso se desfruta
Quando a gente acredita
Na ausência do pecado
Pois, em toda obra escrita
O profano e o sagrado
Encerram o ser que a habita

Embora nos pareça rara
Que a verdade seja dita
E prevaleça sem amarra
Como no que se acredita
Ser a essência do segredo
E que em cada um reflita
Mais que a dor ou o medo
A própria alma que nos grita.

XLII. Juízo Final

Nas cercanias de cada ser
Inóspitas são as sendas nebulosas
E as trilhas internas a percorrer
Sob as hostes (hostis) e fabulosas!

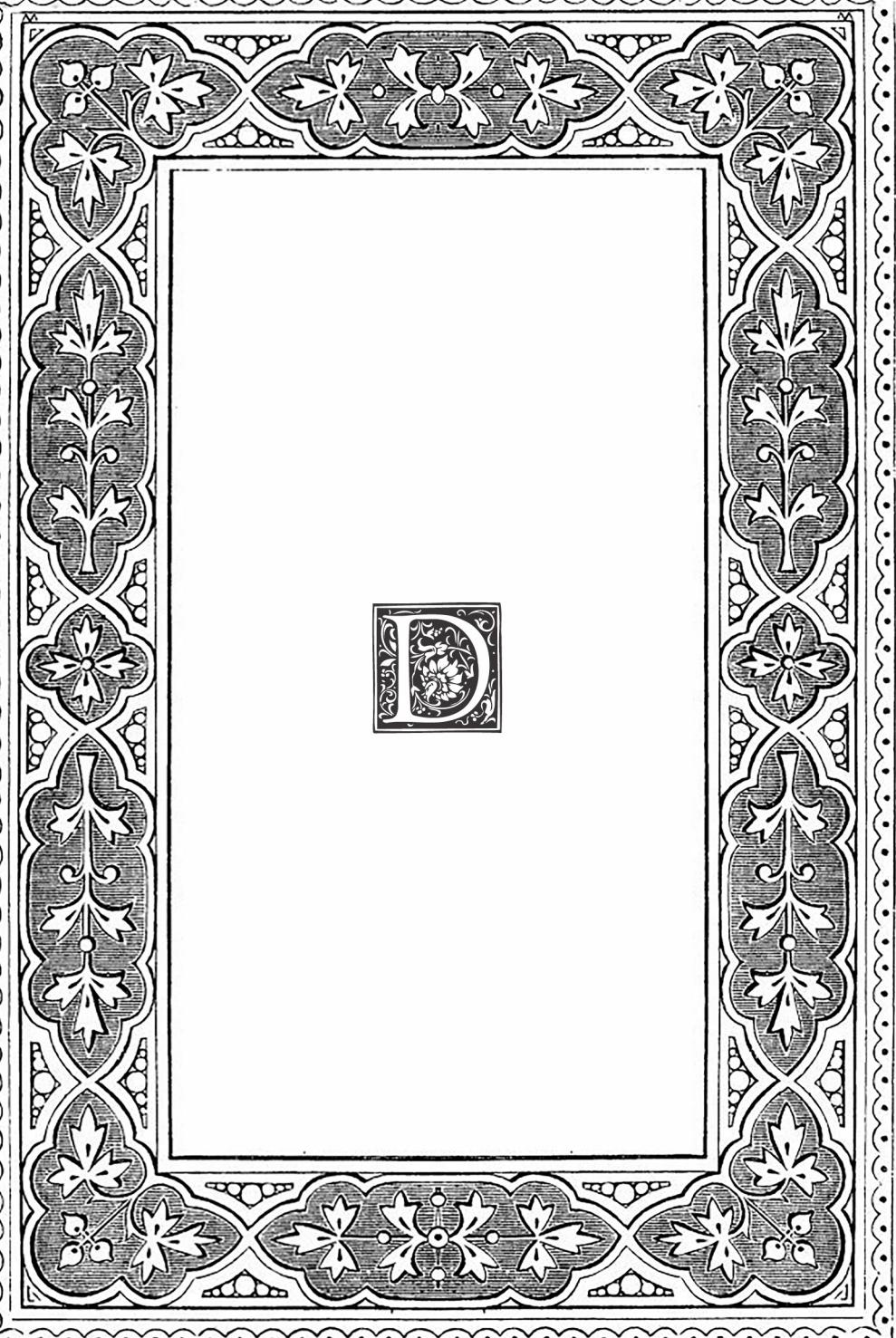
Faz-se o juízo das cousas
Ante as trevas de sítios sombrios
Das verdades em que repousas
Pela fé crua (cruel) nos desvarios!

Até clarear o amanhecer
Que traga à luz: sentidos e sinais
E as bênçãos do autoconhecer
À hora (agora) de todos os finais!

Epílogo *(Texto de Adélia Coelho)*

Era o deus da noite
que subia pelas pernas
saturado de ódio
era um Deus entranhado em raízes de cetim
era o Deus subterrâneo
que auscultava o coração da selva
selva do peito do homem fala
ecoa o nada que liberta as escavações
era o deus da noite
que ouvia poesias a beira da árvore
todos os confidentes pediam bençãos
em madrugadas quentes
a terra cavalgava lenta nos dedos dos pés
acariciando as ideias insones
era o deus da noite que acaba os romances
nada era tão provável quanto um beijo ao pôr do sol
que sol Deus?
Minha prece era noturna
minha pele era noturna
minha dança era noturna
eu era saturno coberta de sonhos
eu era confessionário de madeira maciça
e ele, o Deus da terra ouvia meus passos
ouvia meu medo de cair da árvore
em folhas embebidas de tédio
ele assinava a liberdade:
estamos todos fadados
a esta procissão engomada
de culpas vencidas
de êxtases guardados
de santos enjaulados
que sol Deus?
o meu gozo era noturno
o meu peso era noturno
o meu resto era noturno
eu era Júpiter repleta de ossos
qualquer estrela que estivesse perdida
lá estava eu...
junto ao Deus da noite
ouvindo canções de amor...





Postfácio

No princípio era o poeta como o então jovem e promissor engenheiro de uma grande empresa de distribuição de energia elétrica. Para surpresa minha ele já arriscava tornar em verbo seus pensamentos e emoções e, com maestria. Difícil para muitos de seus colegas engenheiros, compreender tal trabalho hercúleo. E, para materializar isso, livros foram publicados. Tornou-se um mago das artes, que nesta obra, consegue realizar a transmutação de suas ideias cosmológicas em linguagem poética e inserindo uma primorosa seleção de poemas com contribuições de seus pares. Tomando, pois, por base a minha interpretação da visão cosmológica do poeta, aceitei o desafio de expor o resultado. A ciência procura explicar o princípio do nosso universo com a Teoria do Bigbang. As religiões judaicas-cristãs postulam em suas escrituras sagradas que “No princípio criou Deus o céu e a terra.” Como estamos condicionados ao paradigma de que tudo tem um princípio nos ocorre o pensamento, “quem criou Deus”, ou seja, qual o seu princípio. Em seguida vem “quem criou o criador de Deus?”. E assim infinitamente... A resposta que se é dada é “Deus sempre existiu, não tem princípio”. Dessa forma então, poder-se-ia dizer que o universo sempre existiu e assim não haveria a necessidade de um criador, o Bigbang repetir-se-ia infinitamente. No hinduísmo tem-se a junção das duas coisas, o criador sempre se recriando o universo. Há como separar o criador da criação? No verso Antares o autor deixa fluir as ideias energia e vibração. A energia parece ser a base de tudo, encontrando-se no luminar das estrelas e na própria estrela, na forma de matéria estelar. Essa energia é percebida sem a necessidade de interlocutores, não é assim que se deve dar em um relacionamento amoroso? Já dizia Vinícius de Moraes “O amor é eterno enquanto dura”, mas quero dizer que isso se repete infinitamente. A percepção da eternidade é recorrente. “Forever together” me remete a esses pensamentos.

O sagrado e o profano se entrelaçam como Deus e a humanidade, na matéria mais densa à mais sutil, tudo permeado na luz, dos versos do autor. A ciência busca a verdade, que não tem partido político e nem religião, diferentemente dos cientistas. Mas, o que impede um religioso de trabalhar a ciência e um agnóstico de versar a religiosidade, a não ser seus próprios limites. A alma desse poeta não se limita, pelo contrário, explora sem limites a dança dos deístas e dos ateus, permeando os panteístas. Não é também assim o verdadeiro amor, sem limites? Almas gêmeas como o símbolo do Yin-Yang, que não se limitam, mas permitem na navegação especular do poeta, entre ondas e calmarias, exaltando a beleza da vida, na carne e na alma, em ventos de sentimentos racionais e emocionais.

Carlos Campos
Professor e Consultor

D

“Com relação aos deuses, não temos meios de saber se eles existem ou não, ou de que tipo podem ser. Muitas coisas impedem o conhecimento, incluindo a obscuridade do assunto e a brevidade da vida humana.”

Protágoras

